

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

**MARIANA EM DOIS TEMPOS: MACHADO DE ASSIS, A ESCRAVIDÃO E A
REPÚBLICA**

Daniela da Silva Mahl

Porto Alegre

2010

Daniela da Silva Mahl

**MARIANA EM DOIS TEMPOS: MACHADO DE ASSIS, A ESCRAVIDÃO E A
REPÚBLICA**

Trabalho de Conclusão de Curso para a formação no curso de
Licenciatura em Letras – Português e Literatura de Língua Portuguesa,
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Marcos Vieira Sanseverino

Porto Alegre

2010

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo propor uma possibilidade de leitura para dois contos de Machado de Assis: *Mariana* (1871) e *Mariana* (1891). A partir da dialética do localismo e do cosmopolitismo, proposta por Antonio Candido, estudamos Joaquim Nabuco e Sérgio Buarque de Holanda, para compor nossa chave de leitura. Nosso interesse na tensão entre a matéria local e a influência européia tem a finalidade de articulação entre a forma do conto machadiano e um problema histórico do Brasil no século XIX. Ambos os contos apontam uma perspectiva histórica da sociedade brasileira: em *Mariana* (1871), nota-se uma relação com o processo histórico resultante na lei do ventre livre; e, em *Mariana* (1891), existe uma ligação explícita com a proclamação da república.

Palavras-chave: Machado de Assis, Literatura brasileira, Literatura e sociedade.

ABSTRACT

The purpose of this study is to suggest a reading possibility for two Machado de Assis's short stories: *Mariana* (1871) and *Mariana* (1891). From the dialectics of localism and cosmopolitanism, proposed by Antonio Candido, we have studied Joaquim Nabuco and Sérgio Buarque de Holanda in order to form our key to reading the Brazilian's work. Our interest in the tension between local issues and European influence aims to articulate the form of Machado's short stories and a historical problem in Brazil of the nineteenth century. Both short stories show a historical perspective of Brazilian society: in *Mariana* (1871) we can notice a strong tie with the historical process that resulted in the Law of the Free Womb and in *Mariana* (1891) there is an explicit connection to the Proclamation of Republic.

Key words: Machado de Assis, Brazilian Literature, Literature and Society.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	06
1 Sentimento brasileiro e imaginação européia.....	08
1.1 Escravidão: visão romântica e nostalgia.....	10
1.2 Escravidão: visão realista e militância.....	11
2 Povo brasileiro e herança ibérica.....	13
2.1 Passagem do meio rural ao meio urbano.....	14
3 Análise dos contos.....	16
3.1 Mariana: a escrava quase senhora.....	16
3.2 Mariana: a dama no retrato.....	21
4 Considerações finais.....	25
REFERÊNCIAS.....	28

INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu a partir de leituras e discussões realizadas na disciplina “Estudos de Autor”, a qual teve como centro Machado de Assis e seus contos. Ao longo do semestre, cerca de trinta contos foram lidos e discutidos, dentre eles dois homônimos intitulados *Mariana*. A publicação do primeiro dá-se em 1871 no *Jornal das Famílias* e a do segundo ocorre em 1891 na *Gazeta de Notícias*, retornando em 1896 na obra *Várias Histórias*. Esses contos tornaram-se foco de meu interesse e suscitaram uma série de questões: Por que Machado de Assis repetiu o título dos contos? Por que houve um intervalo de vinte anos para a publicação de um e outro? Por que o primeiro foi publicado apenas em jornal e o segundo entrou na compilação de *Várias Histórias*? Qual a possibilidade de aproximação ou de afastamento entre ambos?

Com o objetivo de tentar dar respostas a tais questões e pensar em uma possibilidade de leitura tanto de *Mariana* (1871) quanto de *Mariana* (1891), buscou-se abordar a “dialética do localismo e do cosmopolitismo”¹. Em primeiro lugar, trataremos da idéia de que o povo brasileiro viveria entre o sentimento brasileiro e a imaginação européia, sugerida por Joaquim Nabuco, em *Minha Formação*. Em segundo lugar, versaremos sobre o conceito de que o povo brasileiro seria um desterrado em sua terra, proposto por Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*. Por fim, realizaremos uma análise daqueles dois contos, com base nessas idéias sobre localismo e cosmopolitismo, que constituirão nossa chave de leitura.

O interesse na tensão entre a matéria local e a influência européia visa à articulação entre a forma do conto machadiano e um problema histórico do Brasil no século XIX. Para isso, valemo-nos de Joaquim Nabuco, que foi um dos primeiros pensadores a observar essa tensão, contemporâneo a Machado de Assis, e de Sérgio Buarque de Holanda, que a retoma

¹ Expressão utilizada por Antonio Candido (2006), em *Literatura e Cultura: de 1900 a 1945*, p. 109. Segundo ele, caso fosse possível determinar uma lei de evolução da nossa vida espiritual, talvez conseguíssemos dizer que ela se rege pela dialética do localismo e do cosmopolitismo, manifestada desde a afirmação premeditada do nacionalismo literário até a imitação consciente dos padrões europeus. No plano programático, dá-se uma distância entre o localismo e o cosmopolitismo; entretanto, no plano psicológico – que rege com maior eficácia a produção das obras – vê-se um âmbito menor de oscilação, que produz uma redução dessa distância. Na literatura brasileira, o equilíbrio ideal entre as duas tendências encontra-se realizado de modo perfeito em Gonçalves Dias, Machado de Assis, Joaquim Nabuco e Mário de Andrade.

em *Raízes do Brasil* com a finalidade de definir como é o povo brasileiro, no início da década de 30.

Vale ressaltar que essa análise é apenas uma possibilidade de leitura dos contos *Mariana* (1871) e *Mariana* (1891). É evidente que a obra machadiana, devido a sua grandeza e complexidade, é capaz de suscitar diversas análises. Umas abordagens se mostram excludentes. Outras se tornam complementares. Todas se constituem como uma tentativa de compreensão de pelo menos um pedacinho do universo criado por nosso “bruxo alusivo e zombeteiro”².

² Epíteto retirado do poema *A um bruxo, com amor*, de Carlos Drummond de Andrade.

1 Sentimento brasileiro e imaginação européia

Para Milton Carlos Costa (1995), *Minha formação* estabelece-se como a obra inauguradora do memorialismo literário brasileiro e como o retrato da formação humana, literária e política de Joaquim Nabuco. Ao tratar de “memória” e “literatura”, pode-se inferir que a matéria narrada em *Minha formação* está imbuída de um caráter íntimo e ficcional sob a pena desse intelectual do século XIX. Nessa obra, Joaquim Nabuco revela vários aspectos de seu pensamento e de sua ação: o liberal, o monárquico, o poeta mal-fadado, o antiescravista e o cosmopolita. Este último torna-se central, porque expressa seu pensamento em relação à América e à Europa, especificamente o Brasil e a França³.

No capítulo intitulado “Atração do mundo”, Joaquim Nabuco mostra sua face cosmopolita, a partir de suas observações sobre política e suas lembranças de viagens. De acordo com ele, a política (“com P grande”) relacionada à história despertava mais interesse que a política vinculada ao local, ao país e aos partidos. A abolição no Brasil e a expulsão do Imperador tornavam-se fatos interessantes porque carregavam em si o “drama humano universal” vivido em nossa terra. Apesar de ele ter experimentado “emoções de tribuna” e “popularidade” como político, não rompia com “a imaginação, a curiosidade, o diletantismo”. O dever de político de fixar o olhar no Brasil era incompatível com sua atração pela Europa (desde o interesse na Batalha de Sedan, em 1870, até a escrita de um livro sobre Camões, em 1872).

Com a viagem à Europa, Joaquim Nabuco ampliou sua imaginação e sua curiosidade sobre as coisas do mundo. Segundo ele, os brasileiros pertenciam à América pelo sedimento novo e à Europa pelas camadas estratificadas. Embora tivessem nascido em solo americano, partilhavam de uma origem comum européia – lingüística, religiosa, artística, jurídica e poética. Essa origem comum européia compunha a nossa imaginação histórica e tornava o nosso povo instável:

³ Quando Joaquim Nabuco fala de Europa, aborda sobretudo França e Inglaterra. Ao contrastá-las, ele afirma que a primeira representaria melhor a humanidade que a segunda, porque a França exibiria mais atributos universais. p.76.

A instabilidade a que me refiro provém de que na América falta à paisagem, à vida, ao horizonte, à arquitetura, a tudo o que nos cerca, o fundo histórico, a perspectiva humana; é que na Europa nos falta a pátria, isto é, a forma em que cada um de nós foi vazado ao nascer. De um lado do mar sente-se a ausência do mundo; do outro, a ausência do país. O sentimento em nós é brasileiro, a imaginação européia. (NABUCO, 1995, p.40)

Essa instabilidade entre o *aqui*, o Brasil – em que se sente a falta do fundo histórico, da perspectiva humana, do mundo – e o *lá*, a Europa – em que se sente a ausência da pátria e do país – acarretava ao sujeito uma dualidade, pois, simultaneamente, ele se constituía do sentimento brasileiro e da imaginação européia. Os laços afetivos estariam no Brasil e os laços históricos estariam na Europa.

Lá, Joaquim Nabuco entrou em contato direto com idéias de políticos e escritores ingleses e franceses, tais como, o liberalismo e a monarquia⁴. Aqui, o intelectual era colocado cara a cara com uma realidade, a qual ultrajava e humilhava seu país e seu povo e da qual ele não era capaz de se isentar, a escravidão⁵. Por um lado, sua imaginação alimentava-se dos ideais europeus; e, por outro lado, seu sentimento ressentia-se das mazelas brasileiras.

Em 1883, no momento em que Joaquim Nabuco residia em Londres, ele publicou a obra *O Abolicionismo*. Em vez de romper totalmente os vínculos com sua terra natal, continuou a pensar nos seus problemas. Joaquim Nabuco estava morando na Europa e convivendo com idéias liberais e monárquicas, porém voltava-se ao Brasil e desejava sua aplicação aqui.

A dualidade entre o sentimento brasileiro e a imaginação européia parece frutificar em Joaquim Nabuco, colocando-o entre o localismo e o cosmopolitismo. De acordo com Antonio Candido (2006, p.110), os intelectuais brasileiros conviviam com particularidades de meio, de raça e de história na sociedade brasileira, mas recebiam uma educação com base em padrões europeus. As particularidades e a educação acabavam entrando em choque, e aquelas passavam a ser vistas como elementos divergentes e aberrantes perante estas. E, para Joaquim Nabuco, o elemento mais divergente e mais aberrante do Brasil talvez tenha sido a escravidão.

⁴ Nos capítulos “Primeira viagem à Europa”, “A influência inglesa” e “Eleição de deputado”, Joaquim Nabuco define-se como liberal e monárquico, a partir de suas experiências em solo europeu.

⁵ “Desde muito moço havia uma preocupação em meu espírito que ao mesmo tempo me atraía para a política e em certo sentido era uma espécie de amuleto contra ela: a escravidão. Posso dizer que desde 1868 vi tudo em nosso país através desse prisma”. (NABUCO, 1995, p.29)

1.1 Escravidão: visão romântica e nostalgia

No capítulo intitulado “Massangana”, Joaquim Nabuco exibe seu lado antiescravista, por meio de recordações de suas primeiras relações com os escravos. A partir de reminiscências da meninice, com um traço literário, o escritor faz não só um elogio à infância – como o período de modelagem de suas idéias e de seus sentimentos – mas também uma reconstrução do engenho de sua madrinha, em Pernambuco: a residência do senhor, rodeada pela senzala e pela capela, os canaviais, a natureza e os costumes da terra.

Com uma dose de exagero e, quem sabe, de ficção, o intelectual relata um caso de sua infância, em que um jovem negro caiu aos seus pés e suplicou-lhe que o comprasse de seu senhor porque este o castigava, e afirma a descoberta da natureza dolorosa da escravidão através desse episódio⁶. Ainda que se trate de uma memória infantil, passível de ser fantasiada, o escritor aponta o momento de passagem de sua ignorância em relação à brutalidade do sistema escravista ao reconhecimento dela.

Segundo Joaquim Nabuco, havia diferenças entre os antigos engenhos do Norte e as novas fazendas do Sul: naqueles, os senhores, interessados apenas em manter seu *status*, travavam relações mais “suaves” com os escravos; nestas, os senhores, empenhados em lucrar, viam os escravos como meros instrumentos de colheita. Ao pensar na possibilidade de “suavidade” em um regime escravista, ele apresenta uma visão idealizada desse sistema; contudo, pode-se inferir a percepção de uma transformação da ordem “aristocrática”, manutenção do *status*, para a ordem “burguesa”, empenho no lucro, sem que houvesse uma mudança no sistema econômico, o qual permanecia escravista.

Para fechar o relato de suas memórias da infância, o escritor narra a morte de sua madrinha e sua partida do engenho de Massangana:

A mudança de senhor era o que havia mais terrível na escravidão, sobretudo se se devia passar do poder nominal de uma velha santa, que não era mais senão a enfermeira dos seus escravos, para as mãos de uma família até então estranha. E como para os escravos, para os rendeiros, os empregados, os pobres, toda a *gens* que ela sustentava, a que fazia a distribuição diária de rações, de socorros, de remédios... Eu também tinha que partir de Massangana, deixado por minha madrinha a outro herdeiro, seu sobrinho e vizinho (...). O que mais me pesava era ter que me separar dos que tinham protegido minha infância, dos que me serviram com a dedicação que tinham por minha madrinha, e sobretudo entre eles os escravos que literalmente sonhavam pertencer-me depois dela. Eu bem senti o contragolpe da sua esperança

⁶ (...) a escravidão para mim cabe toda em um quadro inesquecido da infância [esse episódio], em uma primeira impressão, que decidi, estou certo, do emprego ulterior de minha vida. (NABUCO, 1995, p.153)

desenganada, no dia em que eles choravam, vendo-me partir espoliado, talvez o pensassem, da sua propriedade... Pela primeira vez sentiram eles, quem sabe, todo o amargo da sua condição e beberam-lhe a lia. (NABUCO, 1995, p.157-158)

Talvez por causa da nostalgia da infância ou da convivência íntima com os escravos, Joaquim Nabuco apresente uma visão romântica sobre a relação senhor/escravo; entretanto, também traz uma inquietação a respeito do destino dos cativos, que passariam das mãos de uma “santa” para a posse de um estranho.

Pode-se observar o esforço de Joaquim Nabuco de sair de si e ir ao outro, ao supor a sensação de desamparo dos escravos, com a morte de sua madrinha. O escravo, tido como mais objeto que sujeito, não tem direito de escolha, deve fatalmente passar para a posse do novo dono do engenho.

Apesar de “Massangana” exibir um caráter ora nostálgico, ora idealizado, também mostra a preocupação de Joaquim Nabuco com a escravidão em seu país, colocada como uma questão central em sua vida: desde o menino, que entrou em contato com a brutalidade do regime escravista, até o político, que passou a lutar por sua extinção.

1.2 Escravidão: visão realista e militância

Em “Radicalismos”, Antonio Candido (2004) afirma que Joaquim Nabuco foi um “radical temporário”, durante o decênio em que militou a favor da abolição (de 1879 a 1888). Embora pertencente à aristocracia, ele conseguiu ir além dos interesses de sua classe e alcançar uma noção correta da sociedade brasileira, ao observar a condição do trabalhador e, em consequência, a natureza verdadeira do povo brasileiro. Notou que o escravo era o produtor de riqueza e o esteio da sociedade, e que o senhor o submetia à espoliação máxima. Também percebeu que a oligarquia tinha a intenção de estender as características do regime escravista a todos os trabalhadores.

Joaquim Nabuco mostrou uma concepção realista da sociedade brasileira, ao levar em conta a face mestiça e pluriracial da mesma e ao encarar a escravidão como um sistema econômico regulado pela mais extrema exploração de classe. Para ele, o regime escravista concentrava a riqueza de modo anormal e atrofiava a produção, o que comprometia a ética do trabalho em favor de tendências parasitárias. Dessa maneira, a abolição deveria corresponder a uma grande reforma social, através da qual o escravo teria condições de se tornar cidadão

pleno e a sociedade, composta em sua maioria por negros e mestiços, assumiria de fato sua realidade social e racial.

Como todos sabem, a abolição de 13 de maio de 1888 não correspondeu às expectativas de Joaquim Nabuco: os escravos tornaram-se livres, mas não obtiveram as condições de alcançar a cidadania plena, e a sociedade continuou ignorando sua realidade social e racial.

Por fim, devido à militância abolicionista de Joaquim Nabuco, ele foi capaz de desenvolver uma concepção mais ampla e democrática de povo, que se estabelece como o primeiro enfoque moderno e avançado no Brasil. O povo brasileiro corresponderia à totalidade da população, branca ou negra, livre ou escrava, rica ou pobre, e teria o direito de manifestar-se e fazer leis adequadas aos seus interesses, que seriam os interesses gerais de todos.

Colocando em contraste, em primeiro lugar, temos a visão romântica e a nostalgia de menino sobre a escravidão, expressa em seu escrito memorialista “Massangana”; e, em segundo lugar, temos a visão realista e a militância do homem para extingui-la, expressa em um texto crítico, por Antonio Candido. Ambos os pontos de vista complementam um ao outro, pois reforçam a idéia de que a escravidão foi uma preocupação central da infância à maturidade de Joaquim Nabuco e, provavelmente, um dos laços que o prendeu a seu país.

A educação com base em padrões europeus pode ter dado a Joaquim Nabuco os subsídios necessários a ver a brutalidade do regime escravista em seu país. A distância entre a realidade européia e a realidade brasileira se alargava fortemente por causa da escravidão. Joaquim Nabuco enxergava a Europa como um mundo de múltiplas possibilidades culturais, com uma história sedimentada, e o Brasil como um território novo e precário, com uma necessidade de formar raízes.

2 Povo brasileiro e herança ibérica

Sérgio Buarque de Holanda (1995), assim como Joaquim Nabuco, observa uma relação entre brasileiros e europeus. Segundo ele, o fato central na gênese da sociedade brasileira é a tentativa de implantar a cultura européia no Brasil, território cujas condições naturais são estranhas às do solo europeu. Nossas formas de convívio, nossas instituições e nossas idéias são trazidas de países distantes e fazem com que nós sejamos “uns desterrados em nossa terra” (HOLANDA, 1995, p.31). E todo o fruto de nosso trabalho ou de nossa preguiça participa de um sistema próprio de outro local.

Até aqui, destaca-se o fato de que há traços europeus na constituição da sociedade brasileira. A partir daí, passa-se a dar ênfase ao fato de que sua transmissão deu-se através de uma nação ibérica.

De acordo com Sérgio Buarque de Holanda, a transmissão da herança européia ao povo brasileiro por meio de Portugal torna-se singular, porque esse país é um território-ponte⁷, pelo qual a Europa se comunica com os outros mundos, assim como é uma zona fronteira, a qual é menos carregada de europeísmo que as nações centrais. Além disso, os povos ibéricos apresentam dois traços peculiares: a “cultura da personalidade” e a “repulsa à moral fundada no culto ao trabalho”.

Por “cultura da personalidade” entende-se a idéia de que o índice do valor de um homem pode ser inferido da extensão em que não precise depender dos demais. Por “repulsa à moral fundada no culto ao trabalho” compreende-se a idéia de que um ócio digno seria preferível a um negócio exterior ou de que a contemplação deveria sobrepor-se ao esforço diário pela sobrevivência. Essa “autonomia” e essa “ociosidade” típicas das nações ibéricas seriam um legado dos portugueses aos brasileiros.

Jessé Souza (2000, p.164) olha para um aspecto positivo e um aspecto negativo da “cultura da personalidade”. Este seria a preponderância de uma ética aventureira sobre uma ética do trabalho ou a subordinação do elemento cooperativo e racional ao pessoal e afetivo. Aquele seria a plasticidade, que teria possibilitado aos portugueses a fixação em condições

⁷ Assim como Espanha, Rússia, países balcânicos e Inglaterra, em certo sentido. (HOLANDA, 1995, p.31)

naturais estranhas assim como a assimilação social e racial de elementos indígenas e africanos.

Afinal, Sérgio Buarque de Holanda conclui que a herança ibérica ao povo brasileiro fez-se tão forte que nem o contato e a mistura com raças indígenas e adventícias foram capazes de suavizá-la. Embora houvesse um desejo de afastamento das tradições portuguesas, o povo brasileiro nutrir-se-ia ainda de uma alma comum a elas, uma vez que a forma da cultura brasileira veio de Portugal e o resto foi matéria que se sujeitou bem ou mal a ela.

2.1 Passagem do meio rural ao meio urbano

Durante o período colonial e até mesmo depois da independência, a estrutura da sociedade brasileira teve sua base em meio rural. Nesses meios rurais, o senhor de terras tinha uma autoridade incontestada e sua vontade, muitas vezes caprichosa e despótica, conduzia tudo. O engenho era um organismo completo, o qual englobava a capela, para rezar as missas; a escola, para “desasnar” os meninos; as plantações e as criações, para alimentar os moradores e os hóspedes; e as serrarias, para fabricar os móveis. A família organizava-se conforme as normas clássicas do velho direito romano-canônico, legadas ao povo brasileiro por meio da herança ibérica. O círculo familiar, assim como a autoridade do pai, eram dilatados pela inclusão de agregados e de escravos das casas e das plantações.

No âmbito familiar, o poder do patriarca mostrava-se sem limites e sem freios e, sobre os indivíduos, a entidade privada precedia a entidade pública. Em consequência, na sociedade brasileira, o privado (família) invadiu o público (Estado), no qual passou a predominar sentimentos comuns à esfera doméstica (particularista e antipolítica).

Em 1850, com o fim do tráfico negreiro, os capitais envolvidos na importação de escravos passaram a ser aplicados em outros fins. Iniciava o triunfo dos mercadores e especuladores em meio urbano, o qual se completaria de modo efetivo com a abolição, em 1888.

O declínio da velha lavoura e a ascensão dos meio urbanos causaram o princípio da perda de prestígio dos senhores rurais, dando lugar a políticos, burocratas e profissionais liberais. Entretanto, essas ocupações urbanas eram exercidas pela “gente principal do país”, ou seja, donos de engenho e seus herdeiros, os quais acabavam levando consigo a mentalidade do meio rural. Essa mentalidade valorizava o trabalho mental em detrimento do trabalho

físico, dando relevo a certas qualidades de imaginação e “inteligência”. Não a inteligência como instrumento de conhecimento e ação, mas sim a inteligência como ornamento e prenda (amor à frase sonora, ao verbo espontâneo e abundante, à erudição ostentosa, à expressão rara). Além disso, quando se tentou improvisar uma burguesia urbana no Brasil, traços próprios ao patriciado rural espalharam-se a todas as classes como norma ideal de conduta.

O predomínio do meio rural sobre o meio urbano não seria uma imposição do meio, e sim um esforço do colonizador português.

A passagem do meio rural ao meio urbano acarretava uma conservação da mentalidade própria da classe senhoril. A preponderância do privado sobre o público, da pessoalidade sobre a impessoalidade, e a valorização do trabalho mental em prejuízo do trabalho físico persistiriam na cidade, o que mostra a influência da cultura da personalidade e da repulsa à moral fundada no culto ao trabalho, legado da herança ibérica ao povo brasileiro.

3 Análise dos contos

A partir do que foi exposto anteriormente, realizaremos uma proposta de leitura para os contos: *Mariana* (1871) e *Mariana* (1891).

3.1 Mariana: a escrava quase senhora

Depois de quinze anos de ausência, Macedo retorna da Europa ao Rio de Janeiro e nota várias mudanças em seus amigos e em sua cidade. Os amigos exibem o peso de quinze anos de desilusões e cansaço e ele diz vir tão moço como fora, com a alma e o coração em flor. A cidade tem novos hotéis e novos prédios, grande movimento popular e comercial e a casa de modas mais bem-sucedida que o escritório do jornal político (*Não admira; poucos lêem, mas todos se vestem* – ASSIS, 1994, p.771).

O cosmopolita volta à terra natal e admira-se da expansão e da modernização do Rio de Janeiro. Caso se leve em consideração que Macedo partiu em 1856 e voltou em 1871, vê-se que esse período é correspondente à lenta transição da hegemonia do meio rural para o meio urbano, constatada por Sérgio Buarque de Holanda (1995).

Em meio à contemplação de tais mudanças, Macedo depara-se com um velho amigo, Coutinho, e ambos resolvem convidar outros dois amigos para um almoço. No hotel de Macedo, os quatro companheiros, curiosos e saudosos, começam a conversação: o cosmopolita conta sobre suas viagens pela Europa, o negociante fala de sua trajetória ascendente profissional e pessoalmente, o escrivão cala-se diante de uma vida menos feliz e Coutinho revela-se o mesmo sobre a ociosidade, mas mudado, com o objetivo de se casar.

O *bon vivant* compartilha daquela mentalidade dos senhores rurais: enquanto o negociante e o escrivão vivem de seu trabalho – sendo que o primeiro inclusive ascende socialmente através dele –, Coutinho prefere dedicar-se ao ócio digno, cultuado pela classe senhoril de seu tempo.

Diante das “idéias de casamento” de Coutinho, Macedo pergunta se ele não havia se casado com a prima Amélia. O amigo responde que não, vai ficando sério, afirma que ela se

casou e se tornou fazendeira. Depois de alguns instantes de silêncio, ele toma a palavra e resolve fazer uma confidência de seu passado:

– Eu namorava a prima Amélia, como sabem; o nosso casamento devia efetuar-se um ano depois que daqui saíste. Não se efetuou por circunstâncias que ocorreram depois, e com grande mágoa minha, pois gostava dela. Antes e depois amei e fui amado muitas vezes; mas nem depois nem antes, e por nenhuma mulher fui amado jamais como fui...

– Por tua prima? Perguntei eu.

– Não; por uma cria de casa. (ASSIS, 1994, p.773)

A confidência de Coutinho marca uma transformação na estrutura do conto: o narrador muda de Macedo para Coutinho e o tempo regressa de 1871 a 1856. Note-se que o foco narrativo passa do cosmopolita para o *bon vivant* e que ambos talvez pertençam à classe senhoril, pois eles não fazem menção a nenhuma profissão, e sim às viagens e à ociosidade.

Absorto em suas lembranças, Coutinho inicia seu relato com a revelação de que a “cria de casa” se chamava Mariana. Ela era uma mulata, nascida e criada como filha da casa, que recebia da mãe de Coutinho os mesmos afagos dispensados às outras filhas. Se houvesse visitas, Mariana não ia à sala, nem se sentava à mesa, mas era como se fosse pessoa livre. A mulata conhecia trabalhos de agulha, aprendeu a ler e a escrever e estudou francês com uma das irmãs de Coutinho; porém, tinha consciência de sua situação e de que devia pagar a sua senhora com grande reconhecimento. Aos 18 anos, a tez morena de seu rosto revelava um “fogo inquieto e vivaz”, que rompia dos “olhos negros e rasgados”. Os cabelos eram encaracolados e curtos; o talhe, esbelto e elegante; o colo, voluptuoso; os pés, pequenos; e as mãos, de senhora.

De volta ao seu passado, Coutinho recorda os atributos físicos e a condição social de Mariana. Essa condição social coloca a mulata em uma situação especial: conforme Coutinho, ela recebe tanto afeto e educação quanto suas irmãs; entretanto, a real posição dela na esfera familiar evidencia-se inclusive no uso dos nexos comparativos (*como filha da casa, como pessoa livre*). Mariana não era filha da casa nem pessoa livre e devia grande reconhecimento a sua sinhá, ou seja, ela era de fato uma escrava-agregada.

Sidney Chalhoub aponta que, não só no conto *Mariana*, mas também no romance *Helena*:

A ideologia paternalista dos senhores e as relações de dependência provocam situações de violência e humilhação. (...) Os senhores mostram estima pelos dependentes, mas ao fazê-lo produzem apenas sofrimento e humilhação; os dependentes (...) são sinceramente agradecidos aos senhores, mas sabem que não há

perspectivas e que serão sempre lembrados de sua situação de inferioridade social. (CHALHOUB, 2003, p.134)

O senhor e a dependente, Coutinho e Mariana, entram em uma tensão que pode ser pensada em três etapas: o segredo de Mariana, o “projeto romântico” de Coutinho e o epílogo de Mariana.

Em primeiro lugar, depois de Coutinho ficar noivo de Amélia, Mariana sofre uma repentina mudança. Os irmãos Coutinho e Josefa começam a especular e chegam à conclusão de que Mariana está de namoro. O *bon vivant* indaga: “E quem será o namorado da senhora Mariana (...) O copeiro ou o cocheiro?” (ASSIS, 1994, p.775). Mordido pela curiosidade, Coutinho pergunta a Mariana se ela está de “namorico” e afirma a ausência de obstáculos aos desejos dela por parte de sua família. Mariana mostra-se incrédula e fala que não pode amar, porque é “uma simples escrava”. O senhor concorda com a dependente, mas argúi que ela é “escrava quase senhora” e pergunta se esqueceu seus benefícios. Mariana responde que não os esqueceu, mas que tem grande pena de tê-los recebido e Coutinho chama-a de insolente. Ela retorna a sua humildade, ajoelha-se aos pés dele, pede perdão e alega saber *o que é*⁸.

Para desvendar o segredo de Mariana, Coutinho exerce sobre ela desde uma autoridade mais branda, com a tentativa de ajudá-la no namoro, até uma autoridade bem cruel, com a exigência de que ela se lembre de sua posição de dependente. Mariana é impedida de expressar seu pensamento, é obrigada a aderir à opinião do senhor e a humilhar-se diante dele. Além disso, mostra que tem consciência de sua condição social ao enunciar “o que é” em vez de “quem é”, revelando sua posição de objeto, e não de sujeito.

Em segundo lugar, intrigado com o segredo de Mariana, Coutinho passa a refletir sobre o contraste entre o sentimento amoroso e a condição social dela:

Parecia-me evidente que ela sentia alguma coisa por alguém, e ao mesmo tempo que o sentia, certa elevação e nobreza. Tais sentimentos contrastavam com a fatalidade da sua condição social. Que seria uma paixão daquela pobre escrava educada com mimos de senhora? Refleti longamente nisto tudo, e concebi um projeto romântico: obter a confissão franca de Mariana e, no caso em que se tratasse de um amor que a pudesse tornar feliz, pedir a minha mãe a liberdade da escrava. (ASSIS, 1994, p.776)

Perante esse contraste, Coutinho decide conceber um “projeto romântico” de libertação de Mariana, começa a interrogá-la novamente e obtém uma parte da resposta:

⁸ No conto “A causa secreta”, de *Várias histórias* (1896), ocorre um fato parecido entre Fortunato e Gouveia. Este vai agradecer àquele por tê-lo ajudado, mas é ignorado, e o narrador revela: “O ressentimento, hóspede novo e exclusivo, entrou e pôs fora o benefício, de tal modo que o desgraçado não teve mais que trepar à cabeça e refugiar-se ali como uma simples idéia. Foi assim que o próprio benfeitor insinuou a este homem o sentimento da ingratidão” (ASSIS, 1994, p.513)

- Pois bem; é verdade que eu gosto de uma pessoa...
- Quem é?
- Não posso dizer.
- Por quê?
- Porque é um amor impossível.
- Impossível? Sabes o que são amores impossíveis?
- Roçou pelos lábios da mulatinha um sorriso de amargura e dor.
- Sei! Disse ela. (ASSIS, 1994, p.777)

Ambos compreendem o fato de que Mariana vive um conflito entre sua educação de senhora e sua condição de escrava, mas de forma diversa. Coutinho enxerga a escravidão como fatalidade (ordem da natureza) e não como fato social (ordem da história) e pensa em romper com isso. No entanto, esse “projeto romântico” só dura enquanto ele desconhece o alvo do amor dela. Mariana ama Coutinho e reconhece a impossibilidade do amor, porque não existe modo de transpor o limite social entre o senhor e a escrava.

Em terceiro lugar, cinco semanas antes do casamento de Coutinho e Amélia, Mariana adoece. Diante de sua recusa a comer e a medicar-se, Josefa sugere que ela esteja “doente de amor”. Embora Mariana seja escrava, Coutinho afirma que se sente lisonjeado com o amor dela e que surge em seu espírito “uma idéia que a razão pode condenar, mas que nossos costumes aceitam perfeitamente” (ASSIS, 1994, p.778), porém Mariana não se entrega a ele e se mostra acima das veleidades.

Caso se considere o fato de que Mariana é mulata, vê-se que é fruto de uma relação entre um homem branco e uma mulher negra, provavelmente, entre um senhor e uma escrava. Ela poderia submeter-se a mesma relação que a gerou, mas rompe com esse ciclo, ao rejeitar as investidas de Coutinho. Talvez, devido à educação recebida, Mariana foi capaz de entender a impossibilidade do amor e de recusar a simples relação física. No poema “Sabina”, de *Americanas* (1875), Machado de Assis mostra uma mestiça que se apaixona pelo “senhor moço” e se entrega a ele. Sabina acaba grávida e abandonada, e o “senhor moço” se casa com uma “donzela gentil”. A diferença de ação entre Mariana e Sabina talvez advenha do fato de que esta vivia no meio rural e não tinha acesso à educação, ao passo que aquela parece residir em meio urbano e teve a mesma educação que as filhas de sua senhora.

Depois de Coutinho e Josefa descobrirem o segredo de Mariana, o enredo dirige-se velozmente para o epílogo.

Logo que Coutinho assedia Mariana, ela foge de casa e ele sai em sua busca, impellido pelo remorso, com o receio de que ela cometesse suicídio. Quando a encontra, ressalta sua situação de cativo e reclama sua ingratidão. Depois das ameaças de Coutinho, Mariana

decide retornar a casa. Por causa de sua mentalidade senhoril, ele não é capaz de enxergar o sofrimento dela, o que o leva a exigir-lhe gratidão, mesmo que ela seja humilhada.

Durante uma festa de natal, a cena anterior repete-se. Coutinho procura Mariana pela cidade sem sucesso. Ele acaba dirigindo-se a um hotel para jantar e, coincidentemente, ela está lá. Em um quarto, os dois começam a conversar, e ela confessa que iria se suicidar no dia do casamento dele. Apesar da confissão, Coutinho continua a insistir na volta de Mariana a casa, seja por meios brandos, seja por meios violentos. Em um instante, ele sai do quarto e ela ingere um veneno. Quando Coutinho retorna, Mariana pede que se lembre dela às vezes e morre.

De volta a 1871, Coutinho reafirma aos amigos que jamais foi amado por outra mulher como foi amado por Mariana. O foco narrativo volta a Macedo, o qual revela a tristeza de todos, ao ouvirem a história de Mariana. Entretanto, fecha assim: “Mas daí a pouco saímos pela Rua do Ouvidor fora, examinando os pés das damas que desciam dos carros, e fazendo a esse respeito mil reflexões mais ou menos engraçadas e oportunas. Duas horas de conversa tinha-nos restituído a mocidade” (ASSIS, 1994, p.783).

Existe uma tensão entre o início e o fim do conto, narrados por Macedo, e a história de Mariana, narrada por Coutinho. A partir do contraste entre a leveza da reunião de amigos e o peso do suicídio de Mariana, pode-se pensar em uma problematização do modelo romântico.

A história de Mariana tem o tom melodramático do amor impossível e o traço inverossímil da condição de “escrava quase senhora”, que poderiam dar ao conto a tônica de “dramalhão”, como aposta Sidney Chalhoub (2003, p.134). Contudo, a “moldura” do relato de Coutinho suaviza essa tônica, uma vez que coloca quatro senhores lembrando-se da juventude e divertindo-se com a observação dos “pés das damas”, o que rompe com a seriedade da morte.

Esse contraste também coloca em debate a relação senhor/escravo, porque mostra a efemeridade dos remorsos sentidos pelo senhor em relação ao suicídio da escrava. Sidney Chalhoub (2003, p.138) aponta o processo histórico resultante na lei do ventre livre, de setembro de 1871, como o núcleo de sentido desse conto. John Gledson (2006, p.42) enfatiza sua publicação no ano de 1871 e vê a preocupação de Machado de Assis com a escravidão de um modo mais realista que no conto “Virginius”.

Ambos os críticos apontam a relação estreita entre a publicação do conto *Mariana* e a instituição da lei do ventre livre. Machado de Assis coloca no centro do conto uma heroína que é escrava e um amor que é impossível, por causa do obstáculo imposto pelo limite social entre o senhor e a escrava. A problematização do modelo romântico, por meio da tensão entre

a narrativa de Macedo e a narrativa de Coutinho, acaba resultando também em uma problematização da sociedade brasileira da época, já que expõe o conflito entre os senhores e os escravos, os quais, diante de um poder senhoril sem limites e sem freios, eram impossibilitados de expressar qualquer escolha individual, exceto por meio de suicídio.

3.2 Mariana: a dama no retrato

“Que será feito de Mariana?” – Evaristo pergunta a si mesmo, no Largo da Carioca, ao despedir-se de um amigo.

Após dezoito anos de ausência, ele retorna da Europa ao Rio de Janeiro, de onde havia saído em 1872. O narrador, em terceira pessoa, conta ao leitor que a viagem de Evaristo duraria cerca de três anos, mas que ele foi ficando em Paris, adiando o retorno e parando de pensar no Brasil⁹. Evaristo estava desinteressado das “cousas” de seu país até que, em novembro de 1889, um repórter parisiense falou-lhe sobre a “revolução no Rio de Janeiro” e pediu-lhe informações. O cosmopolita decidiu retornar ao Brasil para buscá-las pessoalmente, mas, em sua terra natal, não tinha “partido, nem opiniões, nem parentes próximos, nem interesses (todos os seus haveres estavam na Europa)” (ASSIS, 1994, p.542). O motivo de seu retorno ao Rio de Janeiro foi mera curiosidade, porque “quis ver o novo aspecto das cousas” (ASSIS, 1994, p.542), tanto que calculou o tempo de volta à Paris, a fim de assistir a uma comédia de um amigo no *Odéon*.

Caso se compare os dois contos, vê-se que ambos têm um brasileiro que volta da Europa ao Brasil e uma marca de tempo relativa a um processo histórico significativo, mas existem diferenças. Em *Mariana* (1871), Macedo não diz a razão da volta ao Brasil, admira-se das transformações no Rio de Janeiro e mantém laços afetivos com seus amigos. A referência temporal está na data de publicação do conto e relaciona-se à discussão sobre a instituição da lei do ventre livre. Em *Mariana* (1891), o narrador fala o motivo da volta de Evaristo ao Brasil, mostra seus planos de retorno próximo à Europa e indica a falta de laços afetivos (sem partido, sem opinião, sem parentes próximos e sem interesses) com sua terra natal. A

⁹ No conto “A parasita azul”, de *Histórias da meia-noite* (1873), ocorre uma situação semelhante com o protagonista Camilo Seabra.

referência temporal encontra-se citada no conto (novembro de 1889) e liga-se claramente à proclamação da república.

“Que será feito de Mariana?” – Evaristo refaz a pergunta, enquanto desce a Rua da Assembléia.

Evaristo começa a pensar em Mariana e sente vontade de vê-la. Ele descobre que ela ainda mora na mesma casa, que seu marido está à beira da morte e que ela parece mais jovem do que é. Evaristo fica cheio de dúvidas em relação ao reencontro com Mariana: “Que olhos teriam um para o outro? Que visões antigas viriam transformar a realidade presente? (...) Que efeito produziria neles quando se encontrassem, o espectro de 1872, aquele triste ano da separação que quase o pôs doudo, e quase a deixou morta?” (ASSIS, 1994, p.543)

Em poucos dias, Evaristo dirige-se à casa de Mariana, dá um cartão ao criado e começa a observar a sala. Nada havia mudado: os móveis eram os mesmos e sua disposição era a mesma do passado. Tudo parecia velho, exceto o retrato de Mariana, pintado aos vinte e cinco anos da moça. Fortemente comovido, Evaristo senta-se em uma cadeira em frente ao retrato de Mariana e fica a mirá-lo:

Os olhos pintados fitavam também os naturais, porventura admirados do encontro e da mudança, porque os naturais não tinham o calor e a graça da pintura. Mas pouco durou a diferença; a vida anterior do homem restituiu-lhe a verdura exterior, e os olhos embeberam-se uns nos outros, e todos nos seus velhos pecados.

Depois, vagarosamente, Mariana desceu da tela e da moldura, e veio sentar-se defronte de Evaristo, inclinou-se, estendeu os braços sobre os joelhos e abriu as mãos. Evaristo entregou-lhes as suas, e as quatro apertaram-se cordialmente. Nenhum perguntou nada que se referisse ao passado, porque ainda não havia passado; ambos estavam no presente, as horas tinham parado, tão instantâneas e tão fixas, que pareciam haver sido ensaiadas na véspera para esta representação única e interminável. Todos os relógios da cidade e do mundo quebraram discretamente as cordas, e todos os relojoeiros trocaram de ofício. Adeus, velho lago de Lamartine! Evaristo e Mariana tinham ancorado no oceano dos tempos. E aí vieram as palavras mais doces que jamais disseram lábios de homem nem de mulher, e as mais ardentes também, e as mudas, e as tresloucadas, e as expirantes, e as de ciúme, e as de perdão. (ASSIS, 1994, p.543-544)

Na sala da casa de Mariana, Evaristo retorna ao passado de dois modos: pela percepção de que tudo estava idêntico a 1872 e pela fixação no retrato de Mariana. Em primeiro lugar, existe uma diferença entre o que estava velho (os móveis e sua disposição) e o que parecia novo (o retrato). Em segundo lugar, há um apagamento da distância temporal e uma mescla entre a realidade e a imaginação.

Em pleno sonho, Evaristo e Mariana encontram-se frente a frente: ela reclama sua demora a chegar e ele mostra-se enciumado do marido dela. Mariana fala que já não ama o marido, embora houvesse amado e inclusive lutado contra sua família em nome de seu

casamento com Xavier. Ambos fazem juras de amor e fitam-se apaixonadamente durante horas, até que o criado chegue à sala.

Antes de deter-se no presente, Evaristo ainda informa que eles foram amantes entre 1869 e 1872 e que a mãe dela interviera para separá-los em definitivo, resultando na ingestão de veneno por Mariana – a qual se salvara pelo desespero da mãe – e na sua viagem à Europa.

Em *Mariana* (1871), o amor é impossível, visto que existe um limite social que o impede: Mariana é escrava e Coutinho é senhor. Neste conto, o amor seria impossível, já que Mariana está casada com Xavier, mas torna-se possível, porque ela tem a possibilidade de escolha de viver seu amor com Evaristo. Aqui, o modelo romântico também é retomado, através do tom de exagero do diálogo entre os amantes e da separação brusca do casal.

De volta ao presente, apenas seis minutos após entregar o cartão ao criado, Evaristo é conduzido a um gabinete, no qual está Xavier, Mariana e algumas visitas. A reação de ambos é contrastante: ele encontra-se comovido e ela, indiferente, totalmente imersa na dor do marido. Evaristo despede-se de Mariana, e ela não mostra nem abalo, nem espanto, nem constrangimento. Essa cena afronta com a lembrança do retrato da sala e leva-o a pensar que a arte era superior à natureza.

A tensão entre o amor do passado e a indiferença do presente deixa Evaristo desconfortável. Ele comove-se de fato com suas lembranças, mas ela mostra superação total do velho amor e dedicação integral ao marido. Aqui, tanto o homem quanto a mulher tem liberdade de expressar seus sentimentos e, diante da autonomia de Mariana, Evaristo sente-se rebaixado.

Quando Xavier expira, Mariana solta um grito, desmaia e agarra-se ao cadáver. O estado da viúva é tão grave que ela não comparece nem ao cemitério nem à missa de sétimo dia. Porém Evaristo vai aos dois, e um parente de Xavier confirma o amor de ambos.

Após alguns dias, Evaristo faz uma visita de pêsames à Mariana, e o criado diz que ela não recebe ninguém. Na rua, Evaristo acaba vendo Mariana sair de uma igreja: ela olha para ele, ele cumprimenta-a e ela ignora-o.

Afinal, antes de um mês Evaristo estava em Paris, sem esquecer-se de ir assistir à comédia do amigo no Odéon.

No início do conto, Evaristo chega ao Brasil com o propósito de buscar informações sobre a proclamação da república. No fim do conto ele volta à Europa com a intenção de ir ao teatro, ou seja, retoma sua vida parisiense do ponto em que parou. Enquanto Evaristo está em sua terra natal, tenta re-estabelecer um laço afetivo com Mariana. No momento em que ele não consegue, nada mais importa em seu país, inclusive a “revolução no Rio de Janeiro”. O

esquecimento total de Evaristo sobre as mudanças no Brasil pode ser visto como mero desinteresse ou como questionamento sobre as transformações sofridas do Império para a República. Talvez, assim como a sala da casa de Mariana, nada tenha mudado, ou quem sabe, assim como o dilema do confeitiro Custódio, de *Esau e Jacó* (1904), tudo se resume a uma troca de tabuleta.

4 Considerações finais

A partir da dialética do cosmopolitismo e do localismo, buscou-se mostrar como Joaquim Nabuco refletia sobre a tensão entre o sentimento brasileiro e a imaginação européia, e como Sérgio Buarque de Holanda pensava na relação entre o povo brasileiro e a herança ibérica, articulando essas idéias com a forma de dois contos machadianos: *Mariana* (1871) e *Mariana* (1891).

Em primeiro lugar, observamos que Joaquim Nabuco encarava a Europa como uma matriz com a qual o Brasil compartilhava uma origem comum (lingüística, religiosa, artística, jurídica, poética), a partir da qual os brasileiros compunham sua imaginação e com a qual estabeleciam laços históricos; e o Brasil como sua terra natal, onde os brasileiros reconheciam seus sentimentos e laços afetivos. Havia uma vontade de aproximar Brasil e Europa, concedendo a seu país uma perspectiva histórica com a extinção da escravidão, livrando-o da barbárie e levando-o a “civilização”.

Em segundo lugar, destacamos que Sérgio Buarque de Holanda enxergava a tentativa de implantar a cultura européia em solo brasileiro como o fato central da gênese de nossa sociedade. As formas de convívio, as instituições e as idéias estabelecidas no Brasil vinham de outros países e faziam do brasileiro um desterrado em sua terra. Além disso, essa gênese sofreu influência direta de uma nação ibérica, que deixou ao povo brasileiro as características de cultura da personalidade (“autonomia”) e de repulsa à moral fundada no culto ao trabalho (“ociosidade”). Tais características frutificaram na sociedade brasileira e surgem na autoridade sem limites e sem freios do senhor de engenho, na preponderância do privado sobre o público, na autonomia da esfera familiar (dilatada pela inclusão de escravos e agregados) e na valorização do trabalho mental (inteligência tida como ornamento e prenda) em detrimento do trabalho físico.

Com base na análise dos contos, vemos uma diferença na possibilidade de expressão individual de *Mariana* (1871) para *Mariana* (1891). A primeira é escrava e isso faz com que seu amor por Coutinho seja impossível, pois não tem meio de ultrapassar o limite social entre a escrava e o senhor: ela não se eleva à condição de senhora. A segunda é casada e isso tornaria seu amor por Evaristo impossível, entretanto ela relaciona-se com ele, por quatro anos, na juventude. Devido à intervenção de sua mãe, o romance termina assim como o amor

de Mariana por Evaristo. Mariana (1871) não tem autonomia para a expressão de seus sentimentos, porque Coutinho exerce sua autoridade sobre ela e a rebaixa¹⁰, o que está explícito no conto por meio dos diálogos entre ambos. Mariana (1891) tem autonomia total para a expressão de seus sentimentos, o que está colocado tanto no diálogo-delírio de Evaristo, em que ela narra seu velho amor por Xavier assim como expressa seu novo amor por ele, quanto nas atitudes de Mariana narradas por Evaristo no presente, as quais revelam o fim do amor dela por ele e o retorno à “felicidade conjugal” com Xavier, independente do desejo dele.

Tanto Coutinho quanto Evaristo fazem uma idealização da mulher. O primeiro vê Mariana como “a escrava quase senhora” e insiste em salientar os benefícios que ela recebera de sua família e em reclamar sua ingratidão, o que aumenta a humilhação dela. Talvez essa educação tenha colocado no horizonte de Mariana aquela “imaginação européia”, proposta por Joaquim Nabuco, e tenha levado-a a ter consciência de sua condição de escrava e da impossibilidade de seu amor, indo além da visão de Coutinho. O segundo pensa em Mariana a partir da “dama no retrato” e passa a sonhar com o amor do passado, na expectativa do reencontro com ela. Essa expectativa se frustra, pois Evaristo recebe de Mariana apenas a indiferença e começa a sentir-se rebaixado diante do contraste entre seus sentimentos e os dela.

Ambos os contos apontam uma perspectiva histórica da sociedade brasileira no século XIX. Em *Mariana* (1871), há uma relação com o processo histórico resultante na lei do ventre livre. Machado de Assis mostra um conflito forte entre o senhor e a escrava, com a tentativa de autoridade de Coutinho inclusive sobre a manifestação de amor de Mariana. O olhar do senhor sobre a escrava é parcial, uma vez que enxerga somente os benefícios concedidos a ela, sem notar a humilhação. Além disso, o suicídio de Mariana produz em Coutinho um remorso efêmero, pois em “duas horas” a mocidade (leveza, galhofa) estava restituída. Em *Mariana* (1891), existe uma ligação clara com a proclamação da república, visto que a data (novembro de 1889) está explícita. O autor coloca o retorno de Evaristo da Europa ao Brasil, após dezoito anos, para buscar informações sobre a “revolução no Rio de Janeiro”. Ao chegar a sua terra natal, ele começa a recordar um amor do passado e a esquecer-se de sua missão inicial. Ao contrário de suas expectativas, Evaristo reencontra com o “velho” na sala da casa de Mariana e decepciona-se com o “novo” na atitude dela, rompendo os laços com Mariana

¹⁰ No conto “Capítulo dos chapéus”, de *Histórias sem data* (1884), a protagonista também se chama Mariana e é rebaixada por Conrado, seu marido. O narrador revela essa sensação de rebaixamento: “a pobre dama sentiu-se humilhada”, “dentro de si, chorava de vergonha”, “o sentimento de humilhação subsistia”. (ASSIS, 1994, p.403)

assim como com seu país. No desfecho, fica o retorno de Evaristo à Europa e a ausência de informações sobre a proclamação da república: um esquecimento de Evaristo ou uma irrelevância para o Brasil?

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado. *Obra Completa*, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. 2.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 4 ed. São Paulo: Duas Cidades, Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

_____, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

COSTA, Milton Carlos. Introdução. In.: NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. Porto Alegre: Editora Paraula, 1995.

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis: Historiador*. São Paulo. Companhia das Letras. 2003.

GLEDSOON, John. *Por um novo Machado de Assis: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. Porto Alegre: Editora Paraula, 1995.

SOUZA, Jessé. *A modernização seletiva: uma reinterpretação do dilema brasileiro*. Brasília: Editora da UnB, 2000.